

Provocações

Arthur Arruda Leal Ferreira

PROVOCAÇÃO PARA O ATO-REDE 2019 (Requentando discussões)

O Ato-rede desde 2006 voltou-se para a constituição de uma área articulada de estudos em Ciência, Tecnologia e Sociedade no Brasil. Um bom passo nesta direção foi a realização das Jornadas Esocite de 2008 no Rio de Janeiro. Contudo, desde esta época, o Ato-rede investiu na possibilidade de intervenção, voltando-se para a alternativa de se produzir uma espécie de “Greenpeace sócio-técnico”. E desde então foram possíveis articulações em projetos de extensão (o trabalho com os bancos comunitários e dispositivos de deficiência), além de articulações com grupos como o Soltec.

Uma possibilidade para isto poderia ser uma intervenção local em nossos próprios dispositivos de trabalho acadêmico e de pesquisa (tanto na graduação como na pós-graduação). Um bom exemplo deste tipo de trabalho (que inclusive participou do Ato-Rede de 2008) é o de Denise Alvarez da UFF, “Para onde vai a produção acadêmica?” (Editora Myrrha, 2004). Em 2011 houve o Seminário de Avaliação no HCTE, que foi importante para um mapeamento do campo. De lá para cá, os modos de competição e avaliação se intensificaram e os recursos foram minguando, num estrangulamento do sistema de universidades públicas.

Em 2007 fiz uma provocação destacando as queixas cotidianas e os problemas relatados. Gostaria de a partir deste relato passado, avaliar nossa situação atual:

1) Excessiva burocratização do trabalho acadêmico, na proliferação de relatórios e currículos (a UFRJ, por exemplo, possui 3 formas de currículo). Algumas propostas são bem tangíveis: a) unificação dos currículos em torno do Lattes (especialmente na UFRJ); b) no Lattes, criação de dispositivos que permitam transporte dos dados independentes do acesso autor (bancas, teses e dissertações orientadas, artigos em revistas, pareceres, participação e apresentação de trabalhos em congressos), podendo ele posteriormente retificar os dados.

2) Avaliações em cascata, considerando agora novos dispositivos como o CAPES-livro, avaliação do impacto do trabalho, ou do destino dos formandos de pós, conduzindo a que uma boa parte do nosso trabalho seja de avaliações. E que estas passem a mediar nossas formas de interesse. Uma alternativa seria a limitação dos dados relevantes (artigos, livros e

capítulos) a um determinado teto, valorizando-se mais a avaliação qualitativa.

3) A limitação de áreas específicas, conduzindo a pareceres extremamente limitados com relação a áreas novas. Uma alternativa seria a multiplicação de áreas, com critérios próprios, além da franca possibilidade de recursos. Um outro aspecto diz respeito à necessidade de pareceres mais claros, respeitosos e construtivos por parte das agências de fomento.

4) A natureza do próprio exercício da pesquisa (graduandos, pós-graduandos e pesquisadores), excessivamente pautados pelos prazos e resultados, conduzindo a trabalhos extremamente burocráticos. Propõe-se com isso, mecanismos que possam flexibilizar os prazos de conclusão de curso e pesquisa, assim com certos dispositivos de formação de pesquisadores como as Jornadas de Iniciação científica, baseada em pressupostos em muito equivocados.

5) O direcionamento excessivo do perfil acadêmico para determinadas direções, especialmente na avaliação dos pesquisadores (CNPq) e de programas (CAPES), sem considerar a pluralidade dos perfis necessários ao funcionamento da universidade. É neste aspecto considerar atividades como as de extensão, as representativas, as administrativas, as de organização de eventos, as editoriais, as de parecer e consultoria especializada, além da redação de textos didáticos. O objetivo é abrir a possibilidade de pontuação em perfis diversos, sem que certos itens sejam obrigatórios.

A meta desta provocação foi, não apenas levantar problemas, mas apresentar alternativas e estratégias de implementação destas, visando combater os atuais gargalos do trabalho acadêmico. E agora com o enxugamento das verbas desde 2015, o que fazer?